

**CRIANÇAS:
um enfoque geracional**

***CHILDREN:
a generational approach***

Flávia Ferreira Pires*
Fernanda Bittencourt Ribeiro**

A ideia do dossiê Crianças: um enfoque geracional foi tomando forma ao longo dos anos, através das oportunidades que tivemos de avançar nas discussões sobre a possibilidade e os desafios de incluir as crianças como sujeitos sociais nas pesquisas antropológicas. Estamos em diálogo desde os anos 2000, em eventos nacionais e internacionais, e a cada oportunidade acrescentamos um passo nesse caminhar. Essa publicação é um desses passos e visa consolidar a abordagem sócio-antropológica da infância e da participação social das crianças, em diálogos interdisciplinares.

Os estudos que privilegiam a fala e a participação ativa das crianças nas mais diversas áreas da vida social estão em franca expansão na academia brasileira e internacional, embora ainda sejam poucas as publicações brasileiras resultantes desses estudos. O dossiê Crianças: um enfoque geracional busca contribuir para diminuir essa lacuna e ampliar a visibilidade de produções recentes.

Desde a chamada de trabalhos, afirmamos três pressupostos teóricos transversais à perspectiva proposta para o dossiê e que refletem o acúmulo produzido nas últimas décadas: 1) as noções de infância e criança como categorias socioculturais; 2) as crianças como seres ativos e participantes nas diversas facetas da vida social (posição expressa em noções como criança ator ou criança agente); 3) as crianças entendidas como um grupo geracional em constante relação com pessoas de outras gerações, nos mais diversos âmbitos da sua vida, seja familiar ou em outras

* Doutora em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (MN/UFRJ) e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Pós- Graduação em Sociologia, Brasil. E-mail: ffp23279@gmail.com

** Doutora em Antropologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) (Paris, França) e professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCS/PUC-RS), Brasil. E-mail: feribeiro@puccrs.br

instituições e espaços, e nunca como grupo isolado e fora do contexto, sob pena de uma análise enviesada.

Os artigos aqui reunidos encontram lugar nos Novos Estudos da Infância, na Sociologia da Infância e na Antropologia da Criança e da Infância, assim como podem ser agrupados conforme diferentes temáticas que extrapolam estas delimitações disciplinares. Trata-se de políticas públicas, de intervenções em famílias, de experiências de trabalho, de aprendizagem formal e não formal, do lugar da escola, de tecnologias de governo, da produção de saberes... Nas páginas que seguem, transita-se pelo Brasil e pela Argentina, por instituições de abrigo, escolas e salas de aula, aldeia indígena, espaços rurais e urbanos nos quais as crianças crescem e suas infâncias transcorrem em interações contínuas.

Orgulhosamente, abrimos o dossiê com o texto de Claudia Fonseca “A fabricação estatal da indiferença parental: agruras da reintegração familiar” cujo itinerário inspira-se em indagações sobre os efeitos da intervenção estatal na vida de certas famílias. A autora parte de relatos de “filhos separados” compulsoriamente de seus pais “doentes de lepra”, e nos conduz numa reflexão que se estende às políticas de abrigo dos dias atuais. Neste caminho, interroga as violências das separações e as agruras da reintegração familiar, em perspectiva com a inexistência ou escassez de medidas institucionais com o intuito de nutrir vínculos familiares. Cotejando uma vasta bibliografia e dados etnográficos produzidos através de diversas pesquisas, o artigo deixa ver a persistência histórica e simbólica de um modelo segregacionista de intervenção estatal em famílias e sua participação na configuração de afetos familiares.

Valeria Llobet, no artigo “La infancia y su gobierno. Una aproximación desde las trayectorias investigativas de Argentina”, apresenta-nos três décadas de discussões que articulam o campo dos estudos sociais sobre a infância e as análises sobre o Estado e o governo na Argentina. A partir do inventário dos principais debates, suas características e alcance, a autora aponta novos horizontes de indagação sobre estes eixos temáticos. Evitando simplificações, o debate polifônico por ela identificado convida ao reconhecimento da pluralidade de experiências, cenários e temporalidades que situam a categoria criança sujeito de direitos.

Em “Os cabelos de Jennifer: por etnografias da participação de ‘crianças e adolescentes’ em contextos da ‘proteção à infância’”, Fernanda Bittencourt Ribeiro parte de etnografias realizadas em programas e instituições do sistema de “proteção à infância”, para distinguir a abordagem etnográfica da participação de “crianças e adolescentes”, do caráter prescritivo que a participação, como direito, tende a tomar a partir da Convenção sobre os Direitos da Criança (1989). Focando a dimensão experiencial das infâncias, a autora toma o corpo, os trânsitos institucionais e os arranjos relativos ao parentesco como temas capazes de ilustrar tanto a relevância da atenção etnográfica à participação de “crianças e adolescentes”, quanto a especificidade do saber etnográfico que inscreve suas experiências como significativas e diversas.

No melhor estilo etnográfico, Antonella Tassinari nos convida a entrar nas casas de farinha galibi-marworno, consideradas como espaços de aprendizagem intergeracional e cuja dinâmica é centrada na relação com o grupo familiar, na agência do aprendiz, na observação, na imitação e na atenção à corporalidade. Além

do rico material etnográfico que trata da rede de relações que as crianças estabelecem com e nas casas de farinha, a autora apresenta uma densa reflexão conceitual – através de autores clássicos e contemporâneos – em torno de temas como “educação”, “socialização” e “aprendizagem”. Ao fazê-lo, o texto “A casa de farinha é a nossa escola: aprendizagem e Cognição Galibi-Marworno” leva-nos a interrogar o papel da escola na aprendizagem e cognição, questionando o lugar absoluto que assumiu nas sociedades contemporâneas.

De Zuleica Pretto, Mara Coelho de Souza Lago e Silvia de Fávero Arend, o texto “A escola como trabalho na vida das crianças” continua a pensar sobre o lugar da escola. Aqui temos um recorte psicológico, com trabalho de campo realizado em uma escola pública de Florianópolis. Dialogando com os textos de Jenks Qvortrup, as autoras, além de fazer uma bem-vinda tradução de ideias que circulam pouco na academia brasileira, corroboram a necessidade de se (re)pensar a escola não mais a partir de um lugar de privilégio e como contingencial à infância, mas como lugar de trabalho na vida das crianças.

Em contraponto a estes tensionamentos acerca do lugar ocupado pela escola, no artigo “Infancia y trabajo a través de las generaciones: la transmisión de conocimientos vinculados a la reproducción social en contextos rurales en transformación”, Ana Padawer põe em discussão a relevância do trabalho em contextos familiares, como parte do processo de transmissão intergeracional de saberes importantes à reprodução social. Por meio do estudo etnográfico de duas famílias, a autora demonstra como a posição estrutural que ocupam nas novas configurações do espaço agrário produziu distintas relações das crianças com o trabalho nas duas últimas gerações. Em diálogo com as posições abolicionistas e regulacionistas do trabalho infantil, a análise coloca o desafio que consiste em conciliar os avanços das normativas de proteção dos direitos de crianças e adolescentes e a compreensão de diferentes formas de transmissão do conhecimento social.

Tendo como ponto de partida os diálogos entre professoras e crianças de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, Cassiane Campos, em “A ciência da sexualidade e a curiosidade de crianças púberes: reflexões acerca de uma aula sobre o sistema reprodutor”, apresenta um conflito colocado pelo conhecimento científico sobre sexo, presente no currículo escolar que inventa e naturaliza a ideia de um sexo marcado e produtor de sexualidades e gêneros dicotômicos. Isso funda uma moralidade sexual diferenciada e desigual segundo o gênero; mas as experiências das crianças, transformadas em conhecimento empírico, evidenciam formas variadas de pensar e vivenciar as noções de sexo e gênero.

Em “O terror como subversão: etnografia das narrativas produzidas por jovens do Distrito Federal brasileiro”, Antonadia Borges apresenta o trabalho etnográfico realizado no âmbito do projeto de extensão *Um Toque de Mídias* em escolas públicas do Distrito Federal. A partir do recurso à ficcionalização na construção de narrativas filmicas pelos jovens, a autora analisa a escolha do terror como gênero narrativo privilegiado para contar a história do lugar onde vivem. Tomando como mote os debates contemporâneos em torno da redução da maioridade penal e da proibição da chamada ideologia de gênero nas escolas públicas, a análise põe em relevo o terror que cerca a vida dos jovens e o desafio

dessa saída estética com traços paranormais às abordagens analíticas voltadas para a captura literal e unívoca do que eles fazem e vivem.

No texto “A cidade dos adultos ocupada pelas crianças: a resignificação infantil dos espaços urbanos a partir de Catingueira – Paraíba”, Patrícia Oliveira Santana dos Santos e Antonio Luiz da Silva seguem os trânsitos das crianças, mostrando como elas ocupam os espaços da cidade de maneira sutil, mas efetiva, muito embora esses espaços não lhes sejam endereçados. Nesse sentido, lançam mão da ideia de que a atuação política das crianças se dá “pelas beiradas” (SILVA, 2013). Como dizem os autores, na cidade de Catingueira, onde a pesquisa foi realizada, os espaços de sociabilidade são uma construção adultocêntrica, mas isso não impede que as crianças os “ocupem” de maneira inusitada, como o fazem com a praça de esportes para a terceira idade e o campo de futebol profissional.

Vem também do sertão da Paraíba a etnografia que informa o texto “Padrinhos humanos, padrinhos santos: o sistema de apadrinhamento Capuxu e a agência das crianças”, de Emilene Leite Sousa. O apadrinhamento das crianças é uma estratégia de reciprocidade e sociabilidade que engendra novas relações de parentesco, estando intimamente relacionado à construção da pessoa Capuxu. Todavia, as crianças já estão inseridas no sistema de apadrinhamento mesmo antes do seu nascimento, mas a partir de certa idade, elas o assumem, inovando suas regras e imprimindo nele sua marca e sua agência.

“A meninice no pensamento de Gilberto Freyre”, de Amurabi Oliveira, é um texto teórico e biográfico que traça, na fértil trajetória de Gilberto Freyre, sua contribuição para o estudo das crianças. Largamente desconhecida, sua contribuição já está anunciada no prefácio de *Casa Grande e Senzala* (1921), onde se lê: “É o menino que revela o homem”. O autor nos informa sobre cursos, textos e conceitos que ninaram Freyre ao longo de sua vida e conferiram importância ao estudo da criança e da infância na teoria sociológica e antropológica.

Para terminar, contamos ainda com duas resenhas que nos iniciam à leitura de importantes trabalhos situados neste campo de estudos, quais sejam: *Diversidade, Educação e Infância: reflexões antropológicas*, obra apresentada por Hélder Pires Amâncio em resenha intitulada “Educação e infância: perspectivas interdisciplinares” e *Tudo começa além da vida: a cultura dos recém-nascidos no oeste da África* apresentada por Míghian Danae Nunes na resenha “Os bebês e os estudos antropológicos: conhecendo os bebês Beng”.

Finalmente, gostaríamos de agradecer ao artista plástico Mauro Bruschi¹ pela encantadora foto que ilustra a capa deste número.

Esperamos que o leitor e a leitora encontrem inspiração nos textos aqui selecionados e que possamos, com esse dossiê, continuar contribuindo para a consolidação do campo de estudos da infância e das crianças no Brasil, a partir dos pressupostos já elencados e de uma perspectiva interdisciplinar.

Boa leitura!

¹ Site do artista disponível em: <maurobruschi.blogspot.com.br>.

Referências

SILVA, Antonio Luiz da. **Pelas beiradas**: duas décadas do ECA em Catingueira. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

FREYRE, Gilberto. [1921]. **Casa grande e senzala**. 48. ed. São Paulo: Global, 2006.